

O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, JUNHO/2004 - ANO VIII - Nº 89

EDITORIAL

Aproximam-se as eleições municipais de outubro, quando serão eleitos prefeitos e vereadores para as cidades brasileiras. Nos meios de comunicação, os partidos políticos empenham-se em vender a idéia de que seus candidatos são a solução para os problemas da comunidade. Nas pequenas cidades, onde os candidatos estão muito próximos do eleitor e são por todos conhecidos, o processo de escolha é diferente dos grandes centros. Muitas vezes, promessas enganosas e compadrios são condições para que o candidato tenha seu nome sufragado nas urnas.

As sucessivas eleições e o desgaste da classe política têm afastado muitas pessoas do processo de escolha e da participação. Muitos dizem que não estão nem aí para as eleições; outros que votam por obrigação; outros, ainda, sem analisar os antecedentes e a qualificação dos candidatos, votam pela emoção. Para mudarmos nossas cidades, é preciso que façamos uma análise desapassionada dos candidatos que pleiteiam vagas nos cargos do Executivo e Legislativo municipais, para os próximos quatro anos. É importante uma escolha séria e consciente dos candidatos e a verificação de sua capacidade técnica de gerir o município. Muitos só aparecem no período das eleições. São os eternos candidatos a cargos eletivos, que prometem trabalhar pela cidade. É preciso questioná-los sobre o que fizeram para o município entre uma eleição e outra.

A premissa básica da democracia é a participação responsável de todos os segmentos da sociedade nas decisões políticas. Os espaços existem e cabe a cada cidadão a responsabilidade de descobri-los e ocupá-los. Passadas as eleições, freqüentemente há frustração e surpresa por parte dos eleitores, que percebem que as promessas feitas durante a campanha política não foram cumpridas. Os políticos, porém, só continuam a utilizar esses métodos enganosos com permissão do cidadão, que se deixa levar por falas bonitas ou interesses excusos. Portanto, conhecer é preciso!



“Montanhas - muralhas de picos alados, / Encostas e matas em muitas colinas, / Titãs que guarnecem dos filhos amados / os bairros, aldeias e vilas meninas.” (do Hino de Piquete, de Nelo Pelegrine)

Piquete: 113 anos de Emancipação

Comemoramos os 113 anos de emancipação político-administrativa de Piquete. Esta data remete-nos a uma viagem no tempo, em busca de nosso passado histórico, ao dia 15 de junho de 1891, quando, ao meio dia, tomaram posse nossos primeiros administradores. Foi uma data especial para a Vila Vieira do Piquete. Foram anos de lutas e articulações políticas, que resultaram em sua emancipação. Reverenciamos, pois, a memória dos que trabalharam para que aquele momento histórico acontecesse.

Passadas as comemorações, no dia seguinte, a realidade nua e crua de um município sem recursos, com orçamento limitado que mal dava para a folha de pagamento dos funcionários públicos municipais. Por outro lado, o espírito comunitário que norteava a vida dos moradores fez com que estes, com perseverança, trabalhassem para que a tão sonhada emancipação se consolidasse.

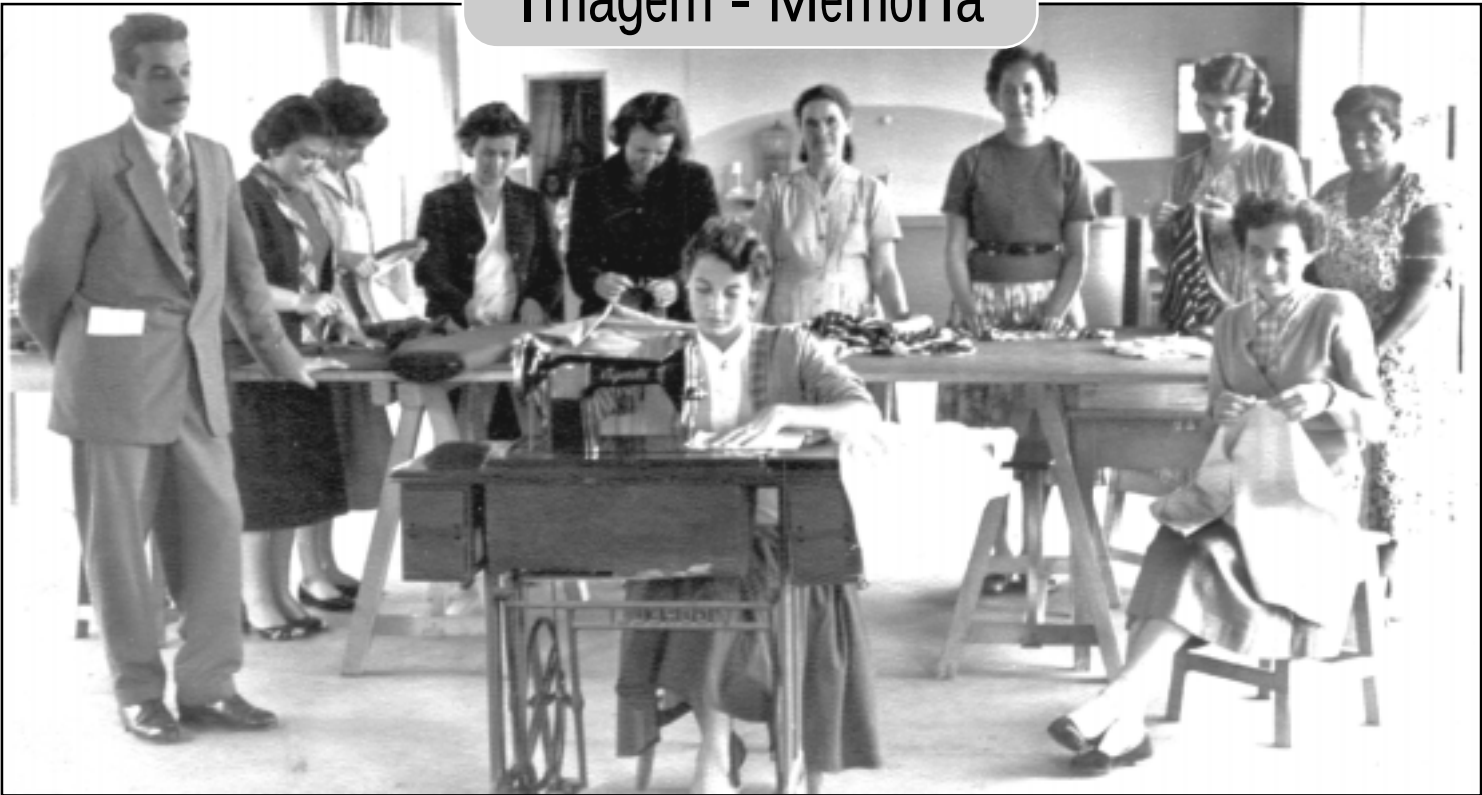
Passados os primeiros anos de pioneirismo e sucessivas administrações, a cidade foi crescendo lentamente. Teve momentos de maior desenvolvimento, conseguindo ser referência em inúmeros setores. A instalação da Fábrica de Pólvoras sem Fumaça colaborou para alavancar o progresso. Foi a grande fomentadora de empregos no município por quase sete décadas.

Nos últimos anos, vivemos um momento de estagnação, reflexo do modelo econômico adotado pelo país. As pequenas cidades são penalizadas com falta de emprego e de arrecadação. Como em 1891, continuamos sem recursos. A população, mais esclarecida e ciente de seus direitos constitucionais, exige qualidade nas ações administrativas. É preciso equacionar as questões relevantes para a vida dos munícipes, como saneamento básico, saúde pública, educação, políticas sociais, meio ambiente, urbanismo... A solução para elas está intimamente relacionada com o resgate do espírito comunitário e da auto-estima do piquetense, que deverá expressar seu amor pela cidade, engajando-se numa cruzada junto ao poder público, para alavancar o município da inércia em que se encontra. É preciso que participemos do dia-a-dia da cidade com ações eficientes, buscando, cada vez mais, qualidade no que é oferecido.

Já não basta maquiagem os problemas, amenizá-los ou protelá-los, legando-os para o futuro. O futuro é agora. Exigem-se respostas imediatas. Este é um grande desafio para os próximos anos. Traçar um modelo administrativo que conte com a participação da comunidade, com vistas ao crescimento e ao desenvolvimento.

Teca Gouvêa

Imagem - Memória



O diretor Carlos Ramos da Silva, professores e funcionários do Grupo Escolar “Antônio João” confeccionando agasalhos para a Campanha de 1957

Foto arquivo Pro-Memória

Campanha do Agasalho

Por muitos anos, o Grupo Escolar Antônio João promoveu, nos meses que antecediam a chegada do inverno, a Campanha do Agasalho. Essa era uma iniciativa da Caixa Escolar, que beneficiava muitos alunos carentes e mobilizava toda a escola.

A Caixa Escolar era um órgão existente em todos os grupos escolares e tinha por objetivo proporcionar benefícios aos alunos necessitados, fornecendo uniformes, material didático, lanches, agasalhos, etc., além de colaborar para a melhoria da escola. Ela recebia auxílio da Prefeitura Municipal, da Legião Brasileira de Assistência e também dos familiares dos alunos matriculados. Naquela época, o aluno recebia o boletim escolar e o levava para casa, trazendo-o de volta, no dia seguinte, com a assinatura do pai ou responsável e certa quantia em dinheiro para a Caixa Escolar. Nele constavam as notas obtidas pelo aluno em cada matéria, sua frequência e seu comportamento, tudo medido em escala de zero a cem. No entanto, pouco mais de 50% dos pais dos matriculados reuniam condições para essa colaboração. Isso obrigava a diretoria da Caixa, juntamente com o Diretor da Escola, a quem competia dar destino à verba arrecadada, a serem criativos, buscando junto à comunidade os recursos adicionais para alcançar os objetivos.

A Campanha do Agasalho era um dos trabalhos executados pela Caixa Escolar. Nela, todos os professores se empenhavam, enquanto os diretores articulavam o apoio das autoridades e do comércio local. Em

junho de 1957, a Campanha foi diferente dos anos anteriores. Todo o Grupo Escolar Antônio João se mobilizou. O diretor, prof. Carlos Ramos da Silva, conseguiu no comércio várias peças de flanela. Os professores, então, resolveram inovar: eles mesmos confeccionaram agasalhos, que, somados aos adquiridos junto à comunidade, iriam aquecer os alunos naquele inverno. Assim, no dia pré-determinado, reuniram-se para os trabalhos. Enquanto alguns professores riscavam os moldes, outros cortavam, chuleavam, costuravam e pregavam botões. Até os serventes pegaram firme nesse trabalho, de modo que, em curto prazo, inúmeros agasalhos foram confeccionados.

Assim, no dia 8 de junho, aconteceu a tradicional Festa do Agasalho, que contou com a presença de muitas pessoas. Às 9h, com a chegada do professor José Pereira Éboli, Delegado de Ensino, que representava o Dr. Vicente de Paula Lima, Secretário da Educação, tiveram início as solenidades. Foram entregues aos alunos 140 agasalhos e 50 cobertores. Compareceram, ainda, diversos alunos das escolas isoladas do município, os quais também receberam cobertores. Foram distribuídos lanches a todos os presentes. No transcorrer da festa, usaram da palavra o diretor, Prof. Carlos Ramos da Silva, e o Prof. Éboli. O Orfeão da Escola arrancou aplausos, agradando a todos com seu repertório popular. Abrihantou a festa a Corporação Musical Piquetense, sob a direção do maestro Carlos Vieira Soares. Entre as autoridades presentes, o prof. Joaquim de Castro Neto,

inspetor escolar, Ana Eulália da Encarnação Arantes, presidente da LBA, Major Carlos dos Santos Couto, diretor da FPV, Padre João Batista Serafim, vigário de Piquete, Prof. Joracy Faury, Prefeito Municipal, Prof. Paulo Nader, gerente do Banco do Vale do Paraíba, Profa. Osminda Mendes Corrêa, diretora do Grupo Escolar da FPV, Raul Soares de Oliveira, vereador e representante da Câmara Municipal, além de muitos pais. Nessa ocasião, foi também inaugurado o Parque Infantil do Grupo Escolar Antônio João, composto de quatro brinquedos: gangorra, balanço, barquinho e trezinho.

A Campanha do Agasalho foi um sucesso em Piquete. Toda a cidade dela participou e os alunos acabaram por ter uma bela aula de cidadania.

O ESTAFETA

Fundado em fevereiro / 1997

Diretor Geral:
Antônio Carlos Monteiro Chaves

Jornalista Responsável:
Rosi Masiero - Mtd-20.925-86

Revisor:
Francisco Máximo Ferreira Netto

Redação:
Rua Coronel Pederneiras, 204
Tels.: (12) 3156-1192 / 3156-1207

Correspondência:
Caixa Postal nº 10 - Piquete SP

Editoração: Marcos R. Rodrigues Ramos
Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Apoio cultural: Fazenda Mundo Novo I

Tiragem: 1000 exemplares

A redação não se responsabiliza pelos artigos assinados

GENTE DA CIDADE

Macaé

Nascido a 17 de fevereiro de 1923, em Campo dos Goitacazes, no estado do Rio de Janeiro, e criado em Macaé – daí o apelido, Augusto Carlos Ramos é personagem conhecida da população piquetense.

Com 17 anos, em setembro de 1940, assentou praça. Foi soldado, cabo e sargento. Esportista desde pequeno, destacou-se, mais tarde, no futebol, jogando no time do Exército.

Em 1942, foi transferido para Laguna, em Santa Catarina. De lá, veio para o Rio de Janeiro, onde foi preparado pela Força Expedicionária Brasileira – FEB, para seguir para o teatro de operações, na Itália, durante a II Guerra Mundial. Antes de partir, no entanto, terminou o conflito.

Tendo dado baixa no Exército, veio para Cruzeiro, em março de 1946, aceitando o convite de um tio para trabalhar no Frigorífico naquela cidade, que mantinha um grande time de futebol. Em fevereiro de 1948, Mestre Alcides Vilar, técnico do Esporte Clube Estrela, foi a Cruzeiro e o contratou, bem como Tandão, Adeodato e Leopoldo, para jogarem no time de Piquete. Aqui chegando, o Capitão Florim, chefe da tesouraria, o contratou para trabalhar naquele departamento da FPV, onde permaneceu até a aposentadoria, em 1971.

Quando chegou ao Estrela, encontrou um time já afamado, com jogadores excepcionais – Berné, Luiz de Barros, Peixe, Muriaé, Barbosa. O responsável pelo time era o Capitão Marcondes. Com as novas aquisições, o time se fortaleceu, de maneira que se sagrou campeão, aumentando ainda mais sua fama. Recorda-se de que as partidas eram concorridas. O estádio da FPV ficava sempre lotado de torcedores, destacando-se as irmãs Leta S. da Costa e Isolina da Luz, torcedoras ferrenhas e madrinhas do time. Quando do clássico Estrela versus Hepacaré, a cidade toda se mobilizava. Normalmente, as torcidas “se estranhavam”. O “fogo” era apagado pelos bombeiros da cidade, estrategicamente contactados antes da pelega.



Após o campeonato de 1948, o conceito do Estrela cresceu, ganhando o respeito de grandes times que, freqüentemente, aqui jogavam. Assim, o Palmeiras, o São Paulo, o Bangu, o Madureira e o Flamengo aqui se exibiram. Mas, jogo que ficou na memória de muitos torcedores estrelinos foi o contra o selecionado do Exército, em 1959. Entre os jogadores, Edson Arantes do Nascimento, o Pelé, ainda menino. Com a certeza de que iriam vencer de lavada, acabaram por “engolir” um 3 X 2, o que levou o futuro rei do futebol a constatar: “Esse time do Estrela não fica devendo nada a time algum da capital”. Macaé atuou no Estrela até 1963, quando deixou de jogar oficialmente, mas sem perder o amor pelo esporte bretão. Participou sempre da vida da cidade, junto ao comércio e às obras da Igreja.

Em junho de 1948, conheceu Maria José Meirelles. Casaram-se dois anos depois. Tiveram quatro filhos: Lúcia, Regina, Lúcio e Carmem, que lhes deram dez netos.

Time do Esporte Clube Estrela: campeão de 1948. Macaé, o primeiro da esquerda, na segunda fila.



Foto arquivo Pro-Memória

Namorados

Dom Eduardo Bennes de Sales Rodrigues
Bispo Diocesano de Lorena

Homem e mulher foram criados por Deus como iguais, porém diferentes. O encantamento de um pelo outro nasce daí. Na narrativa do Gn 2,23, ao acordar de seu sono e contemplar aquela que lhe saía do lado – o lado do coração –, o Homem exclamou: “Esta sim, é osso de meus ossos e carne de minha carne”. Homem e mulher são companheiros porque iguais. Sem o outro, igual em natureza e dignidade, o ser humano, homem ou mulher, não teria a quem se dizer, morreria de solidão. O encantamento que aproxima homem e mulher nasce da igualdade na diferença. São duas versões da mesma grandeza e dignidade. A identidade de cada um se revela na aproximação e na troca entre os dois. A pessoa é assim: só é pessoa na relação. É assim desde a eternidade. A primeira imagem de Deus foi o primeiro par humano. Deus fez a humanidade à sua imagem e semelhança, fê-la homem e mulher. Por ocasião do dia dos namorados, gostaria de dizer aos jovens que o namoro é o começo da descoberta de um mistério no qual se revela para o ser humano a grandeza de sua vocação. Namorado significa “tomado de amor”. O namoro começa por um encantamento, constrói-se por um sempre mais profundo conhecimento recíproco e se consuma na decisão de juntos viverem a grande aventura da vida, multiplicando-a em filhos gerados do próprio sangue ou tão-somente do transbordamento do amor. Este é o caminho do autêntico amor entre moço e moça. Infelizmente, nossa cultura substituiu o encantamento pela busca de satisfação do desejo, entendido como desfrute, e o amor como a emoção da posse momentânea e provisória do corpo do outro. Os adolescentes aprendem desde pequenos que a relação homem-mulher será inevitavelmente uma relação para produzir o prazer periférico dos sentidos. O amor é mera resposta às carências jamais resolvidas de personalidades imaturas. As relações devem durar enquanto dura a emoção suscitada de fora. Assim, o encantamento da relação afoga-se na lama de um egoísmo doentio e o mistério do amor se esvai, deixando na alma um imenso vazio.

Namorados, se querem estar sempre enamorados, encantados, na reciprocidade da relação, não se curvem aos mandamentos de uma cultura que elegeu a frivolidade e a satisfação imediata como valores maiores da vida. Cultivem o respeito na relação, aprofundem os laços de uma amizade sincera, e conheçam sempre mais o Deus-Amor, que para o amor nos criou e nos quer definitivamente felizes. É preciso preparar com carinho a plenitude do encontro matrimonial através de um namoro em que o amor maior, aquele dado pelo Espírito Santo, se faça sempre presente, sustentando a força de amar que Deus, Pai e Criador, colocou nos corações de vocês. Sejam sempre enamorados, encantados, pois é assim que Deus nos quer e assim Ele o é no seu mistério e na sua relação conosco.

São Paulo, 450 anos, já parte da história

Momento romântico, sem excessos

Catedral da Sé, 24 de janeiro de 2004. 18 horas. Anúncio festivo dos sinos pelo Ângelus. A véspera do aniversário. Importante solenizar.

O concerto era especial. O maestro Ira Levin conduzindo a Orquestra Sinfônica Municipal e o Coral Lírico.

Os cantores, soma de bem preparados em escolas de alto nível: brasileira, argentina, romena e norte-americana, além dos componentes do corpo do Coral.

A catedral, imponente nos seus arcos multiplicados, sob os ângulos do olhar, em composições primorosas. Vitrais iluminados pela luz solar do prolongado crepúsculo do verão, interceptando lustres e candelabros, colunas e capitéis, arrematados nas formas tropicais da fauna e flora.

Melhor cenário não há nessa cidade aniversariante de 450 anos para a Missa Solemnis, de Ludwig von Beethoven (1770 – 1827). Trata-se de obra de maturidade do renomado compositor. Foi composta entre 1818 e 1823. Contemporânea da não menos importante Nona Sinfonia e dos magníficos quartetos de corda da chamada fase monumental de Beethoven.

A composição dos músicos com seus instrumentos aprimorados e o coral compunham a representação solene requerida pelo concerto.

O público, com ares eruditos, lotava a igreja. Não propriamente o pessoal do entorno. Mas, sim, também, alguns desses exemplares. Afinal, a curiosidade movimenta.

No mais, apreciar obra de arte é cultura. Não oferecê-la, pela hipótese do não entendimento, um (pré) conceito, para construir um estereótipo.

Os que, movidos apenas pela curiosidade, não suportavam o tempo todo, saíam sem barulho. Afinal, lá fora, na praça, a música era outra, em evento popular. Com sorteios e prêmios de loteria. Meninas bonitas manejando as numerações escoadas nos embalos da sorte.

Na catedral, o silêncio só alterado pelas vozes intermediadas dos instrumentos, num triunfalismo contido. Solenissimamente. O corredor da nave estava lotado. Gente de todas as idades ocupando os bancos, mas também sentada no chão, ao longo do corredor central da nave. Livres apenas os espaços mínimos, para passar uma pessoa, com muito jeito.

De repente... Lá veio ela, avançando. Com cuidado. Pés descalços. Roupa pobre, de muito uso. Cabelos presos, mal contidos. Idade indefinida. Gorda, mas não excessivamente. Andava, cuidadosa; fazia zigue-zagues. Parecia fascinada. Parava e ouvia. Não olhava para trás, ou para os lados. Apenas seguia em frente, na direção da orquestra. Qual felino, estudando estratégias. Atravessou toda a nave. Já bem próxima da orquestra, teve seu braço tocado por uma pessoa, mas com delicadeza. Ela fez um movimento com o braço e a cabeça, recusando a ajuda para sair da sua rota. Continuou, lentamente, mas determinada.

Suspense entre músicos, cantores e platéia. O maestro, de costas para o público e de frente para a Orquestra, nada via.

Ela parou a um espaço mínimo frente ao tenor. Talvez ouvisse já não só a sua voz, mas também a respiração. Suspense maior. Pessoas entreolhavam-se discretamente. Ela parou frente ao tenor, encobrindo-o para o público. Já estava ao lado do maestro, se não pouco mais à frente. No intervalo das partes, o tenor falou-lhe, não se sabe o quê. Não sei se ela respondeu. Alguns segundos após, ela afastou-se. A peça chegava ao final. Ela, em retorno, não expressava nenhuma emoção. Os aplausos foram apoteóticos. Ela se perdeu na multidão que se movimentava em direção às saídas. A catedral voltava ao seu silêncio. Nos ouvidos, a memória dos sons permanecia.

Parece sintomático registrar que nessa mesma data teve início uma série de mortes, por envenenamento, de animais de grande porte no Parque Zoológico Estadual, sediado na cidade. O primeiro deles, um primata, o animal, pela semelhança, mais próximo aos humanos.

As mortes prosseguiram por vários dias e muitos outros animais foram sacrificados. As investigações sobre números, causas e apurações de responsabilidade mergulharam num terreno incerto de dúvidas e acabou sendo adiado. Pelo menos, até o momento em que escrevo.

Dóli de Castro Ferreira

Abaçaí Cultura e Arte - Balé Folclórico de São Paulo

A Fundação Christiano Rosa promoveu, com o patrocínio da Secretaria de Estado da Cultura e apoio do Colégio Estadual Profª Leonor Guimarães, no dia 05 de junho, na quadra do Colégio Leonor Guimarães, uma apresentação do Balé Folclórico do Grupo Abacaí Cultura e Arte, de São Paulo. O evento contou com a presença de inúmeros convidados, que se encantaram com o colorido da apresentação e o som contagiante dos tambores.

Abaçaí Cultura e Arte é uma ONG que, desde 1973, desenvolve programas de formação, produção artística e ação cultural inclusiva.

Servindo-se do Folclore/ Cultura Popular como fonte de inspiração para criações no campo do teatro, da música e da dança, a atuação da entidade tem o respaldo da pesquisa de campo regular, o que resultou num importante acervo sobre o assunto em

documental sonoro e fotográfico.

Além de servir de inspiração para espetáculos, tal material tem servido à fruição cultural do grande público através de palestras, cursos, projetos, eventos e exposições fotográficas itinerantes.

Permanecendo fiel aos seus princípios originais e mantendo-se aberta à comunidade, dedica-se à ação cultural, de caráter inclusivo, com todos os segmentos sociais, experiência que tem sido aproveitada em outros municípios do estado de São Paulo e do Brasil.

Sediada há 5 anos no Parque da Água Branca, em São Paulo, a Abacaí Cultura e Arte estrutura-se em diversos Núcleos que se inter-relacionam. Núcleos que coordenam oficinas e diversas atividades permanentes abertas ao público.

Nos últimos 15 anos, intensificando as pesquisas na área das danças populares,

reunindo pessoas afins e apresentando-se mais regularmente, o Grupo consolidou a criação de um Balé Folclórico: o Abacaí Balé Folclórico de São Paulo.

O Abacaí Balé Folclórico de São Paulo é um grupo que filtra, por meio da linguagem cênica, as manifestações rituais e cerimoniais de nosso povo. É o que se convencionou chamar de projeção estética ou aproveitamento de folclore. Seu repertório é vasto, com um grande acervo de figurinos característicos, de rica composição.

Seu elenco básico é constituído por 40 artistas polivalentes (dançarinos-cantores- músicos-acrobatas) como as companhias similares de outros países. Busca incluir números musicais e coreográficos de todo o Brasil. Evidentemente, procura dar destaque para o rico folclore paulista, nunca mostrado por grupos de outras regiões.



Foto arquivo Pro-Memória



Foto arquivo Pro-Memória



Foto arquivo Pro-Memória

Voto – Base da Cidadania

As eleições se aproximam. Pelos meios de comunicação somos obrigados a assistir a diferentes políticos profissionais prometendo-nos o paraíso e afirmando que suas agremiações são as que poderão desenvolver as ações que nós, eleitores, tanto desejamos.

Os três poderes do Estado – Executivo, Legislativo e Judiciário – foram concebidos e preconizados por Aristóteles, na Grécia Antiga, e postos em prática por Montesquieu, na França do século XVIII. A partir daí, passou a ser parte essencial da organização dos Estados modernos. Antes, porém, desse conceito de divisão do Estado em três poderes, Sócrates, pensador grego, já preconizava uma forma de governo que deveria ser exercida pelos melhores e mais capazes, ou seja, pela aristocracia, que significava “poder dos melhores”. Essa conceituação foi deturpada ao longo do tempo pelo monopólio de classe, de pessoas, poderes e privilégios, inclusive herdados. Naquela época, Sócrates dizia: “O governo deve ser aristocrático a ponto de somente admitir os mais capazes para o seu exercício e, suficientemente democrático, para permitir que todos possam concorrer aos cargos públicos.” Em resumo, ele foi adepto de uma forma de governo equilibrada pela aristocracia e pela democracia. Observa-se que há 2500 anos havia preocupação com a capacidade gerencial, técnica e pessoal, imprescindível ao governante. No entanto, hoje prevalece, não raro, a “capacidade política financeira”, nem sempre a mais preparada, sobre as melhores cabeças e respectivos currículos profissionais.

O exercício da cidadania faz com que cada homem ou mulher, por meio do voto livre e responsável, escolha o candidato de sua preferência, desde que seja bem preparado e, possivelmente, eficaz ao múnus público.

Numa comunidade pequena como a de Piquete, é de se esperar que as escolhas recaiam sobre as pessoas mais aptas aos cargos oficiais. Recomenda-se, para tanto, que se procure identificar suas capacidades em relação às desejadas, que se exija deles, publicamente, um programa de trabalho e administração e a correspondente aptidão para implementá-los, que sua vida pregressa seja conhecida e a honradez evidenciada por atos e fatos notórios, e assim por diante.

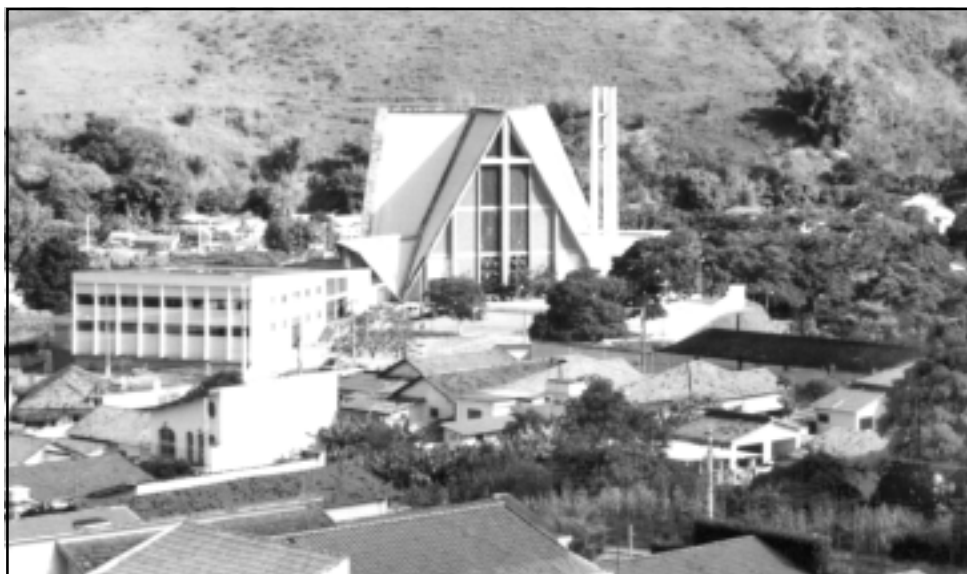
Concluindo, o voto é um instrumento eficiente da democracia; portanto, base da cidadania, assegurado expressamente na vigente Constituição Federal.

Teca Gouvêa

Fazenda Mundo Novo I
O paraíso é aqui...

Bairro Mundo Novo - Piquete - SP
Tel.: (11) 296-6818 e (12) 3156-8068

www.fmundonovo.cjb.net



“Minha querida Piquete, no seu aniversário, bom governo, bons empresários, cidadãos competentes e cautelosos!”

Piquete: Perspectivas

Senegal, Sudão, Etiópia. África invadida pela areia. Governos, cientistas, técnicos e povos empenhados em proteger suas terras férteis.

China. Grande Muralha. Dos dois lados, as terras de lavoura estão-se cobrindo de areia. Chegou a hora de erguer outra grande muralha. A muralha verde de choupos e salgueiros para que o maior povo do planeta tenha de onde tirar o seu sustento.

Vem aí o aniversário da nossa querida Piquete.

Os piquetenses não estamos atentos à voz dos técnicos. Não estamos recebendo mudas. Não estamos fazendo covas na areia. Não estamos cercando os animais para que não devorem as mudas. Não estamos deslumbrados com o poder dos valorosos soldados verdes, que não deixam passar o vento e a areia.

Houve um tempo em que os homens de roça e da roça abasteciam o comércio da cidade.

Cereais, carnes, embutidos, leite e derivados, frutas, o lavrador os trazia e vendia ou trocava nas vendas. As mulheres vinham montadas em silhões, traziam os filhos para tomar bênção aos padrinhos, abençoavam os afilhados, trocavam receitas de mezinhas e trabalhos de agulha.

Quando havia padre, a família pernoitava e esperava a missa do domingo.

Vieram as proibições sanitárias – os animais devem ser abatidos no Matadouro Municipal.

Vieram as facilidades de transporte e as embalagens.

O pequeno lavrador não conseguia mais sustentar a família. Abandonou a roça e veio para a cidade. Hoje, grande número de nossas propriedades rurais já se somaram ao perímetro urbano ou se transformaram em microfúndios improdutivos, propriedades destinadas ao lazer, de fim de semana ou férias, que produzem apenas para o consumo familiar.

Será que a força dos acontecimentos,

principalmente a força dos modismos, é maior que a força do vento e da areia?

Os governos existem para manter o equilíbrio entre as forças da sociedade.

O impulso, o avanço, a melhoria, que é a melhora concretizada, partem do empreendedor – o homem que tem idéias e não tem medo de arriscar; que transforma projetos em realidade.

O segredo do progresso é dizer sempre sim a um bom empresário.

O empresário é um homem especial. Cria o seu próprio emprego. Emprega a população. Paga impostos. Terceiriza. Cria empregos indiretos. Mantém empresas previdenciárias e de saúde. Movimenta o comércio.

Ao governo cabe apenas equilibrar. Cumpre seus deveres constitucionais. Planeja. Regulamenta. Fiscaliza.

Vem aí uma eleição municipal. Vamos prestar atenção às propostas de todos os candidatos. À Prefeitura e à Câmara.

Que planejam as senhoras e senhores candidatos?

Que importância vão dar aos empresários da Agricultura, da Pecuária e da Agroindústria; aos empresários das indústrias já instaladas e das que podem vir para cá; aos empresários do Turismo e do Comércio; aos empresários da Conservação Ambiental (seqüestro de carbono); aos empresários da Educação e da Saúde? Não esquecer nunca que Educação e Saúde são dever do Estado e direito do cidadão, vale dizer: cada cidadão que opta pela escola particular ou pelo plano de saúde tira uma carga dos ombros do Estado.

Minha querida Piquete, no seu aniversário, bom governo, bons empresários, cidadãos competentes e cautelosos!

Com as bênçãos de Deus pela intercessão de São Migue Arcanjo, havemos de descobrir qual o vento e qual a areia que impedem o progresso da cidade.

Abigayl Lea da Silva

Crônicas Pitorescas

Logo... Logos...

Palmyro Masiero

O velho Trombone papeava no Bar do Mineiro com a turma e o assunto girava em torno da existência ou não do tal túnel ou caverna que dizem existir na cidade, considerando que isso era coisa para espeleologistas. Foi quando o Presunto (o gordinho da curriola) perguntou o que era isso e o Trombone explicou que se tratava de pessoas que se ocupavam de espeleologia.

– Mas como é que se descobre túnel usando espelho?! – quis saber o Presunto.

– **Espeleologia** – brotou a sapiência do Trombone – é o estudo da formação das cavernas, grutas, furnas, seu mentecapto, e nada tem a ver com espelhos.

Tá certo o Trombone, mas considerei um tanto pesada a carga pejorativa pra cima do Presunto. Creio que existem mais de trezentos vocábulos unindo dois radicais gregos, no caso específico do “logia” (logos = tratado) e ninguém é computador para saber exatamente o que quer dizer cada um.

Se, por exemplo, você disser que **Pneumatologia** é um tratamento sobre pneus, ou, por conhecer o significado de pneumotórax, ser estudo acerca dos pulmões, dançou. Melhor, orbitou, porque é o tratado dos espíritos, dos seres intermediários que formam o elo entre Deus e o homem. Se utiliza o “verbo” gamar pra dizer que está puxando uma rama por alguém, logo descobre que **Gamalogia** não tem nada a ver com aquele mamífero ruminante igual ao veado e sim discurso ou tratado sobre o casamento, para onde leva o amor. Gamação acaba nisso, meu!

Aqueles que possuem fazendas poderão imaginar que **Fenologia** é um estudo aprimorado do feno, aquela erva cortada e seca para alimentar animais. Pois sim! Na realidade é o estudo dos fenômenos periódicos da vida vegetal e animal em relação às condições ambientais. Quem é amarrado num sonzinho legal talvez ache que **Estereologia** é a boa qualidade de um aparelho “hi-fi”, quando, na verdade, é o estudo das partes sólidas dos seres vivos.

Halologia é a ciência das auréolas? Sim ou não? Se responderem sim, fiquem sabendo que esse radical HALO vem do grego e trata dos estudos dos sais. Dirão muitas donas-de-casa que **Tricologia** são receitas de tricô. Este é uma adaptação do francês “tricôt”. Tricologia é um tratado

acerca dos pêlos ou dos cabelos. E **Cacologia** não tem nem sombra com pedacinhos e sim falta contra as regras da língua.

Quem achar que **Quilologia** é o estudo do quilo pode estar certo ou errado. Se o quilo for o peso correspondente a mil gramas, foi chute fora. Mas, se considerou que é o produto da digestão alimentar (fazer o quilo após o almoço), marcou gol. **Teleologia** não é o estudo dos esquemas táticos do Telê e sim o conjunto das especulações aplicadas à noção de finalidade. Da mesma forma, **Sinologia** não tem bulhufas com os dim-dons dos bronzes das igrejas, mas com aquilo que se refere à China. **Patrologia** é o conhecimento da vida e das obras dos padres e nem passa perto das ranzinices dos patrões. Identicamente, **Rodologia** não é a forma ideal de puxar água com rodos; é a parte da Botânica, talvez a mais bonita, que estuda as rosas.

Façamos um teste. Vamos transcrever dez tratados e mostre seus conhecimentos, conferindo quantos acerta. Vamos lá: **Xilologia**, **Pomologia**, **Miologia**, **Carfologia**, **Acrologia**, **Oologia**, **Nomologia**, **Barologia**, **Axiologia** e **Sarcologia**. Marque um ponto para cada resposta certa. Se fizer dez, meu filho, você é um ET. Se ficar no zero, é uma pessoa normalíssima.

Não concordam, então, que o Trombone esnobou em cima do companheiro, taxando-o de néscio? Existem aqueles em que o primeiro radical está na cara: **Brasilologia**, estudo sobre o Brasil; bacteriologia, das bactérias; **Espermatologia**, qualquer nego manja; **Insetologia**, evidente; etc... Encontramos alguns que são conhecidos por serem muito difundidos, embora o radical que antecede o “logia” não seja explícito em nossa linguagem: **Biologia**, **Ginecologia**, **Zoologia**, **Metereologia**, **Encefalologia**, e mais um quilo deles.

Entretanto, apesar do grande número desses termos, não encontramos, por exemplo, “delfinologia”, que seria a ciência do entendimento de nossa política financeira; “efeemeiologia”, intenções obscuras de como deixar o outro ser o dono da bola. Mais “logias” poderiam ser criadas dentro do atual contexto nacional, mas, pensando bem, o que o Brasil precisa mesmo é de tratamento e não de tratados.



Noites de junho

Há qualquer magia nas noites juninas. Algumas negras, melancólicas; outras enluradas, alegres, porém, todas fascinantes.

A própria tradição das festas de Santo Antônio, São João e São Pedro fazem-nas barulhentas, cheias de crendices e folclóricas.

Sob bandeirolas multicores, as quadrilhas dão a elas um balancê especial.

Lumaréus de fogueira aquecem o ego, queimam as divergências da vida.

Balões soltos à revelia se confundem com estrelas reluzentes.

Sobre tranças negras, chapéus de palha enfeitam feições sorridentes e corpos que vestem saias compridas de chitão.

Batata-doce, canjica, pamonha, mandioca, melado, quentão... São amontoados de guloseimas típicas.

Pau-de-sebo, pescaria, quebra-pote, busca-pé, rifa, leilão fazem-nas divertidas, hilariantes.

Pular fogueira. Existe crendice sobre isso. Pula-se uma vez e faz-se um pedido. Torna-se a pular e ratifica-se o pedido. Na terceira vez que pular, após o pulo, olha-se para cima. Se uma estrela cadente riscar o céu, o seu pedido será concretizado.

Se isso acontecer na fogueira de Santo Antônio, seu amor será correspondido.

Na fogueira de São Pedro, ganhará uma chave que abrirá a porta de um coração falto.

Das noites de junho, existe uma especial: a dos namorados. Com elas jorram juras de amor, flores, abraços e beijos.

Quando pular fogueira, o faça com asseveração – uma estrela poderá surgir no seu caminho... E tudo, então, transformar-se-á em magia, numa das noites de junho.

Edival da Silva Castro

A Fundação Christiano Rosa parabeniza os Poderes constituídos e a população piquetense pela passagem do 113º aniversário de emancipação Político-Administrativa de Piquete

Anotando

Piquete, 113 anos, minha querida cidade

Uma cidade é um tecido complexo de encontros, sinais, propostas e objetivos, num jogo de relações e de história: a história do lugar, a sua posição e o encontro do que chega com o que preexiste.

Por isso, ela é soma. Mas também, símbolo. Ela tem passado, presente e deve ter futuro. Faz parte de uma região. Compartimenta-se administrativamente para fins legais. Hoje, uma cidade, qualquer que ela seja, deve manter intercâmbio com as vizinhas mais próximas, mesmo com as mais distantes, e não só apenas para trocas comerciais e sociais, mas também culturais. Integrar-se.

Mas, também deve ter utopia. A de ser lugar agradável onde se viver, livre de chamar participação, limpa para garantir saúde, espelho de sua população, para que esta lhe veja reproduzida em ações polidas, isto é, cultivadas como parte da polis, do viver urbano, onde cada um, pelo respeito ao outro, faça ouvir sua voz, com clareza, limpidez, sem subterfúgios. Faça-se representar pelo seu talento, seja o qual for, e colocar-se a serviço do bem comum, da política do viver em conjunto, na expressão compartilhada que o espírito cristão ensina.

Que Piquete tenha seu futuro traduzido em ações cidadãs!

Pelo direito à igualdade

*Em memória de D. Maria Pequena
e seu filho Jaú*

Li no Estafeta do mês de maio p.p. que a 30 de abril foi comemorado o aniversário

de 84 anos do Grupo Escolar Antônio João e, portanto, aos nomes dos professores quero acrescentar o de minha estimada mestra, Dona Maria de Campos Aragão. Vejo-a, nitidamente, com seu esforço, sua dedicação, seu exemplo de trabalho. Com ela aprendi as bases do conhecimento aplicado: minha caríssima mestra no 2º, 3º e 4º ano primários. Fui olhar meu retrato de final de curso. Primeira turma diplomada no novo prédio. Fiz o 1º e 2º anos no antigo casarão, o 3º nas casinhas da Vila Duque e o 4º no atual prédio. Quero lembrar, aqui, além dos professores, os funcionários, desde os mais simples, os da cozinha, da limpeza, do controle das crianças no recreio e pátios. Porque os mais simples acabam esquecidos. Mas, sem eles, os mais destacados não teriam os lugares especiais que ocupam, isto é, não se projetariam. Não citarei nomes, pois muitos estão mergulhados na memória não revelada e, embora lembre alguns desses nomes e rostos, não citarei por exceção. Registros de gente simples, pessoas comuns que respeitei como alicerces e de que me lembro com reverência. A eles minha especial homenagem.

O sabor de ter acumulado muito tempo de vida permite o testemunho e a profunda crença no trabalho dos que fazem da vida um símbolo de força e, do futuro, um lugar para lembrar. Cumprimento aos que lá hoje estão.

Dóli de Castro Ferreira



Foto arquivo Pro-Memória



Foto arquivo Pro-Memória



Foto arquivo Pro-Memória

As mudanças provocadas pela mudança do Vestibular

Já faz algum tempo que as provas dos vestibulares vêm sofrendo significativas mudanças. A nova tendência não é privilegiar a “decoreba” ou a informação vazia de significado. As novas provas pretendem avaliar conhecimento e competência para resolver situações concretas. Diante disso, muitas escolas de ensino médio foram forçadas a rever sua proposta pedagógica. Hoje, são notórias as mudanças que a mudança do vestibular foi capaz de provocar nessas escolas, o que tem sido altamente positivo para a educação e formação do jovem. A escola, dessa forma, aproxima-se mais da realidade e, efetivamente, contribui para a formação do cidadão e para a continuidade de seus estudos. A aprovação no vestibular passa a ser consequência, não um fim em si mesmo. Evidente que este é um processo lento e gradativo. Muitas escolas ainda não conseguiram se adequar ao novo paradigma.

Por outro lado, as mudanças nas provas de vestibular não parecem ter provocado o mesmo impacto no espaço da universidade. Aprovados no vestibular, muitos jovens

deparam com um espaço acadêmico que continua a privilegiar o saber descontextualizado. Muitos Ph.D (deuses) preferem ignorar as mudanças ocorridas no processo seletivo, no ensino médio e na sociedade como um todo. Ministram suas aulas da mesma forma que ministravam há vinte anos ou mais, provavelmente para um mercado de trabalho que já não existe.

Por tudo isso, ao se traçar uma política nacional de educação, deve-se ter como princípio primeiro que a educação é um processo contínuo e que se estende ao longo da vida. Ruptura como a que se apontou anteriormente, e outras que acontecem ao longo da vida escolar do aluno, como, por exemplo, da pré-escola para o ensino fundamental, da 4ª para 5ª série do ensino fundamental e ainda da 8ª série para o ensino médio não são aceitáveis. Simbolizam uma quebra do princípio básico.

Os jovens e adultos que ingressam no ensino superior precisam ser formados para atuar com competência no mercado de trabalho e contribuir para o desenvolvimento do país. Para isso, necessitam de

alguns recursos que a universidade não lhes pode negar: conteúdos, habilidades, conhecimento da realidade, capacidade de articular teoria e prática, e condições para agir eticamente diante das situações diversas do mercado de trabalho competitivo. Além de comprometer-se com a profissionalização competente dos alunos, a universidade precisa se comprometer com a formação integral dos mesmos. Isso envolve o conhecimento da cultura em geral e, de forma muito especial, o uso da língua escrita e oral nas suas diversas modalidades. Tudo isso exige mudança.

No entanto, sabe-se que mudança é sempre um desafio, por vezes gera resistência, mas ela é a única certeza que temos quando se pensa na qualidade da educação brasileira. Para tanto, esta deve ser pensada na sua totalidade, da educação infantil ao ensino superior, num contínuo permanente. Esperamos que novos mecanismos, assim como o novo vestibular, surjam e provoquem as mudanças urgentes e necessárias.

Laura Cristina Chaves

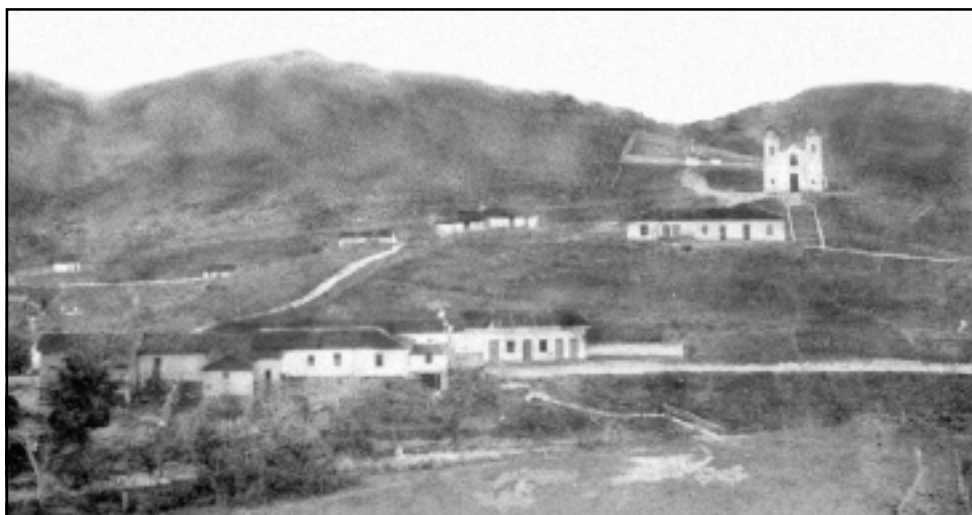


Foto arquivo Pro-Memória

Correndo paralelo ao rio Piquete, trecho do antigo Caminho de Minas ou da Serra do Itajubá. A cidade cresceu às margens desse Caminho. A Matriz, ao alto, direcionou o traçado urbano.

Do descaminho do ouro à emancipação política

No final do século XVII, sertanistas taubateanos, transpondo a Mantiqueira, descobriram as primeiras pintas de ouro nas terras habitadas pelos cataguases. Teve início, então, uma corrida desenfreada na busca desse metal, o que fez com que um número sem precedentes de aventureiros se embrenhasse sertão a fora.

O Vale do Paraíba, por sua posição geográfica, era corredor natural de passagem para a região das minas, e a Garganta do Embaú, na Mantiqueira, sua porta de entrada. Da Vila de Taubaté partiram as principais bandeiras, que se derramaram por matas e serras, de sorte que, em poucos anos, tinham vadeado sertões e descoberto inúmeras minas.

Piquete tem sua origem no final do ciclo do ouro, quando os garimpos já não produziam como nos anos anteriores. Para abastecer com produtos de lavoura o arraial aurífero de Soledade de Itajubá, no alto da Mantiqueira, foi aberto um caminho que partia das margens do Paraíba, na Freguesia de Piedade. Esse caminho tornou-se conhecido como “Caminho de Minas” ou “Caminho da Serra do Itajubá” e passou a ser usado por contrabandistas para desvio de ouro e produtos minerais. Evitavam, assim, o Caminho Velho do Sertão, burlando o fisco. O escape de ouro pelas fronteiras sul-mineiras levou o governo da Capitania das Minas a instalar, na vertente paulista da Mantiqueira, em dezembro de 1764, um registro e um piquete de tropas para guarnece-lo. Logo, o ouro das Gerais se esgotou. Muitos aventureiros retornaram das minas, fixando-se às margens do Caminho, que teve aumentado seu movimento e importância. Pousos e vendas foram instalados, e roças plantadas. Surgiu um núcleo populacional, que deu origem, nos primeiros anos do oitocentos, ao bairro do Piquete.

O povoado associou-se firmemente ao Caminho de Minas, que aí se bifurcava, saindo um ramo para o porto do Senhor Bom

Jesus da Cachoeira, e o outro para Lorena. O primeiro destinava-se a atingir a Estrada Geral para a Corte e o segundo ligava o bairro com Aparecida e outras vilas valeparaibanas e com o litoral, em Mambucaba e Paraty.

As condições desse Caminho eram precárias. Era sempre arriscado transitar por ele, principalmente no período das chuvas. A topografia da serra não facilitava o percurso. Além do mais, era muito caro o transporte de mercadorias, já que os tropeiros e viajantes pagavam impostos em duas barreiras nele existentes, o que os levava a apresentar queixas à Câmara de Lorena. A Câmara, por sua vez, recorria ao governo da Província de São Paulo, pedindo recursos para manter o Caminho transitável, pois sua importância era grande. Quando, por qualquer motivo, era interrompido, e os produtos sul-mineiros não chegavam às praças de Lorena, havia desabastecimento e aumento de preços.

Apesar das dificuldades de trânsito, sua importância crescia ano a ano. Assim, em 1861, por ele passaram mais de vinte e duas mil bestas e inúmeros animais de andantes e cargueiros, gados e porcos que desciam a serra para serem vendidos em Lorena, Guaratinguetá, Areias, Silveiras e Rio de Janeiro. Esse movimento crescente, aliado à cultura cafeeira que era ampliada nas propriedades, concorreu para o acúmulo de capital entre os fazendeiros. Era grande a religiosidade dos moradores do bairro do Piquete, o que fez com que se construísse uma capela no bairro. São Miguel foi escolhido padroeiro do lugar. O bairro foi, então, elevado, em 1875, à condição de Freguesia. O templo passou a direcionar o traçado urbano, que, respeitando o rio e o Caminho, que corriam paralelos, obrigava a construção de casas pelas encostas adjacentes.

Em maio de 1891 ocorreu a emancipação político-administrativa do Bairro do Piquete e, em 15 de Junho, foi empossada a sua primeira Intendência.

Antônio Carlos Monteiro Chaves

Notas da Cidade

□ A ONG SOS Mata Atlântica, em parceria com o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais – INPE, lançou o “Atlas dos Municípios da Mata Atlântica”, gerado a partir da organização dos dados do Atlas da Mata Atlântica - ano base 2000. Essa iniciativa se propõe a fornecer dados e instrumentos para se identificar, monitorar e controlar, localmente, os fragmentos de Mata Atlântica do município. A grande novidade e facilidade são a disponibilização de todos os dados e recursos do Atlas na Internet. A intenção é, a partir da identificação e da localização dos principais remanescentes florestais existentes nos municípios abrangidos pela Mata Atlântica, possibilitar a cada cidadão, diferentes setores e instituições públicas e privadas que se envolvam e atuem em favor da proteção e conservação desse conjunto de ecossistemas. Para acessar o atlas, entre na página da SOS Mata Atlântica, no endereço eletrônico da ong:

<http://www.sosmataatlantica.org.br>

□ “Para que você possa caminhar sempre de cabeça erguida olhe agora para baixo e faça algo pelos nossos rios”. Uma faixa com estes dizeres foi colocada sobre o Ribeirão Benfica, no centro de Piquete, para chamar atenção para o estado em que ele se encontra. Uma iniciativa muito oportuna, por ocasião do Dia Internacional do Meio Ambiente, dos comerciantes do Depósito Porto de Bebidas, Lojão de Móveis Bibiano, Mundo Animal e Sinhaninha, que merece elogios por chamar atenção para o precário estado em que nosso ribeirão se encontra. Sigamos o conselho!

□ A Procissão de Corpus Christis em Piquete vem retomando a grandeza de anos anteriores. Belos tapetes foram elaborados pela ruas do município, bem como altares nas residências, ao longo do percurso. A população, como sempre, compareceu em peso.

□ Aconteceu no dia 11 de junho, no Salão de Atividades “Pref. Luiz Vieira Soares”, a Sessão Solene da Câmara Municipal de Piquete, em comemoração ao 113º aniversário de emancipação político-administrativa de Piquete, que contou com a presença de convidados.

□ Nos dias 5 e 6 de junho apresentou-se no Salão de Atividades “Prefeito Luiz Vieira Soares” a Companhia de Artes Copacabana, sob o patrocínio da Prefeitura Municipal e a colaboração do Conselho Municipal de Turismo.

A “troupe” encenou a comédia de costumes “Mambembadas”, recriação do texto “O Mambembe”, do dramaturgo brasileiro Artur de Azevedo.

A direção e a adaptação são do consagrado diretor Abílio Ramos, com direção de produção de Nina Silveira, viúva de Prometeu da Silveira, arquiteto da matriz de São Miguel Arcanjo.